

UMNA

União
das Mulheres
de Natal

CARTA DE PRINCÍPIOS

1 - SITUAÇÃO DA MULHER BRASILEIRA

Companheiras,

Nós, mulheres, somos mais da metade da população. Cada dia que passa tem aumentado a nossa participação na luta de todo o povo por melhoria nas condições de vida, de trabalho e pela democracia em nosso País. Somos mulheres que vivemos nas cidades e nos campos, somos negras e brancas, e por sermos mulheres sofremos do brado a discriminação e a opressão.

Somos trabalhadoras, que saímos de casa em busca de um salário, que muitas vezes sustentamos a família e encontramos dificuldades, pois não temos profissão, e estamos ameaçadas de sermos despedidas do emprego por que estamos grávidas e não sabemos como continuar trabalhando quando o filho nascer.

Somos operárias, que trabalhamos lado a lado com os homens, e produzimos igual a eles, mas que, por sermos mulheres, recebemos um salário mais baixo, ouvimos cantadas de chefe e, quando somos mães, estamos preocupadas com os filhos que ficaram sozinhos em casa. Que, casadas,

voltamos do trabalho e já o serviço da casa nos espera: a janta para fazer, a marmita de manhã, a roupa mais urgente para lavar, os filhos pequenos pedindo nosso carinho e nossa atenção.

Somos empregadas domésticas, que trabalham ' muitas vezes sem receber um salário mínimo, que deixamos nossos filhos abandonados para cuidar dos filhos da patroa, que não temos hora para o almoço, nem hora para terminar o trabalho, que somos mais humilhadas e mais exploradas e, sozinhas, enfrentamos diariamente o patrão e a sua família. Sem horário, sem salário, sem carteira assinada.

Somos lavradoras, de sol a sol trabalhando junto com os filhos a terra que nos foi roubada, ' produzindo e colhendo o arroz e o feijão que muitas vezes faltam em nossa casa. E desrespeitadas a todo momento por policiais e capangas.

Somos professoras, que nas salas de aula, sem as mínimas condições de trabalho, dedicamos a nossa vida a educar crianças e jovens. Constante mente desrespeitadas e utilizadas pelas autoridades educacionais.

Somos discriminadas também porque somos jovens. Querem nos transformar em objetos sexuais ou em simples moça a espera de casamento. Não nos dão chance de trabalho e estudo. Querem nos colocar contra os velhos para desviar os nos sos desejos de justiça, liberdade e igualdade.

Somos estudantes, que além de enfrentarmos a má qualidade do ensino e as altas taxas escola res somos vítimas de preconceitos que nos di zem que a mulher foi feita para o lar e não precisa de estudo. Somos discriminadas em al guns cursos e quando conseguimos fazê-los, não conseguimos trabalho nas profissões mais valo rizadas.

Somos negras, e por isso sofremos ainda mais, devido ao racismo de que é vítima o povo negro que é marginalizado, mais oprimido e mais ex plorado. No entanto, nós, mulheres negras, cons tituímos uma grande parcela da população brasi leira e na grande maioria, pertencemos às cama das mais pobres da sociedade, por isso sofre - mos discriminação racial, sexual e social.

Somos donas de casa, que todo dia fazemos um trabalho sempre igual e ninguém dá valor. Junto ao tanque e à pia, lavando roupa e louça, no fogão aprontando a comida, enquanto varremos a casa e ajudamos o filho a fazer a lição. Ora levamos um filho ao médico, ora consertamos as roupas da família e o serviço da casa fica a trasado. É este trabalho pesado, cansativo e desvalorizado, que dá condições para que o ma rido, o filho, o pai, o irmão possam produzir nas fábricas. Ficamos sozinhas dentro de casa, aflitas com estes problemas e sem ter como de sabafar. E no dia seguinte começa tudo de no vo: acordamos nosso marido cedo para trabalhar, os filhos para a escola, a mesma labuta por fazer.

Hoje, até mesmo o direito elementar de "sermos "mães" nos é negado. O governo e os poderosos' dizem que nossos filhos, e não os baixos salá rios, são os responsáveis pela miséria reinante em nossos lares. Mas nós, mulheres, sabemos que não temos condições de ter e criar os nos sos filhos porque a riqueza do país está em mãos de uns poucos: banqueiros, grandes capita listas, ligados ou não ao capital estrangeiro, etc.

Nas fábricas, em casa, nos campos, nas escolas ou nos escritórios temos problemas iguais porque somos mulheres. E nos ensinaram que somos inferiores aos homens, que lugar de mulher é dentro de casa, sendo frágil, dócil e submissa para melhor nos explorar, nos dominar.

Não temos direito de manifestar nossas opiniões, quer no trabalho, quer no lar.

2 - ORIGENS DA DESIGUALDADE DA MULHER

A opressão da mulher existe há milhares de anos, desde que surgiu a propriedade privada. A partir daí as mulheres foram paulatinamente afastadas da produção e da vida social, assumindo as tarefas domésticas e a educação dos filhos, transformando-se em escravas domésticas e simples instrumento de reprodução e prazer sexual dos homens, sem direito de levantarem suas vozes, oprimidas até mesmo companheiras de homens também oprimidos.

Com o surgimento da indústria, as mulheres são muitas vezes obrigadas a participar do trabalho produtivo. A introdução da mulher no trabalho produtivo pelo capitalismo, não é feita

a partir da compreensão e do respeito ao direito que homens e mulheres têm de participar do trabalho, mas sim como força de super-exploração. Somos usadas para competir no mercado de trabalho e rebaixar os salários dos trabalhadores, como parte da força de reserva do capitalismo. Mesmo participando da produção social continuamos a ser responsáveis pela quase totalidade das tarefas domésticas. Todos os dias quando chegamos em casa, temos que fazer a janta e outros serviços. É a dupla jornada de trabalho.

Para manter a opressão da mulher, usa-se a educação diferenciada entre homem e mulher. Consideram o homem pertencente ao "sexo forte" e a mulher dizem pertencer ao "sexo frágil". Nos ensinam apenas a ser mãe, dona de casa, rainha do lar. Criam dificuldades e reforçam preconceitos para que não tenhamos atividades fora do lar.

Sabemos que com a expansão industrial, ampliou-se o número de mulheres trabalhadoras que não permanecem mais confinadas em casa e se colocam num processo de trabalho explorado coletivo. Isso favorece a troca de experiência entre

mulheres trabalhadoras, o reconhecimento da sua dimensão social, de sua discriminação e faz devolver o espírito de solidariedade e a consciência social e política. No entanto, ainda a maioria de nós, mulheres, se constitui num imenso exército reserva de mão de obra. Não encontramos emprego nem conseguimos uma profissão. Precisamos conquistar o direito de participar da produção. Para isto é preciso ampliar o mercado de trabalho e criar condições para liberar a mulher do trabalho doméstico e de ser a grande responsável pela educação e guarda dos filhos. Essas tarefas devem ser responsabilidade de toda a sociedade e assumida pelo Estado; ao lado disso, é necessário educar e convencer nossos maridos, irmãos e filhos para que eles compreendam e respeitem nossos direitos, dividindo a tarefa doméstica e a educação dos filhos.

3 - SITUAÇÃO DE NOSSO PAÍS

Somando todas as dificuldades que nós enfrentamos por sermos mulheres e, principalmente, mulheres trabalhadoras, ainda sofremos junto com nossos companheiros, as mesmas dificuldades que hoje vive o povo.

A situação econômica, social e política é a mais grave. Tudo isso mostra que os governantes que se instalaram no Planalto, particularmente de pois de 64, mantêm um modelo de desenvolvimento econômico que atende única e exclusivamente os interesses dos capitalistas estrangeiros, dos latifundiários e dos grandes industriais ligados ao capital financeiro internacional. O povo passa fome.

Para impedir a revolta popular usaram da mais completa violência, prendendo, torturando e até matando aqueles que ousaram levantar-se em defesa do povo e da pátria. Mas o povo não se calou. Resistiu e nos últimos anos tem promovido grandes manifestações exigindo melhores condições de vida e completa liberdade. A cada dia que passa é maior o número daqueles que se pronunciam contra esse governo de fome e opressão, lutando, decididos, pela conquista da liberdade e da democracia.

Nós, mulheres, mais do que ninguém sabemos o que significa o aumento diário dos preços dos alimentos, dos baixos salários que nós e nossos maridos recebemos; sabemos o que significa o fantasma do desemprego, sabemos como está difícil criar e educar os nossos filhos.

E hoje entendemos que é um passo importante para a resolução de nossos problemas a conquista do direito de eleger livremente nos representantes e que estes se guiem por leis que atendam aos interesses populares e democráticos sem nenhum tipo de casuísmo, tão ao gosto dos generais.

As mulheres do Rio Grande do Norte e de todo o Brasil precisam lutar pela conquista da mais ampla liberdade para o povo e pela verdadeira democracia em nosso país.

4 - A LUTA DAS MULHERES DE NATAL

Este quadro de dificuldades que enfrentamos enquanto mulheres e enquanto brasileiras indica nossas principais lutas:

- A LUTA PELA CONQUISTA DA COMPLETA EMANCI-PAÇÃO DA MULHER. Entendemos que a nossa opressão está indissolúvelmente ligada à exploração de uma classe por outra e que o primeiro passo para nossa emancipação é a conquista de liberdades as mais amplas.

2º - CONQUISTA DO DIREITO DA MULHER AO TRABALHO
- Ampliação do mercado de trabalho de modo que absorva a mão de obra disponível, inclusive a da mulher:

- . Salário igual para trabalho igual;
- . Direito à profissionalização;
- . Garantia de emprego inclusive durante a graviddez e após o parto;
- . Creches e escolas em horário integral, próximo ao local de trabalho, em número suficiente, gratuítas e de boa qualidade.

3º - DIREITO À MATERNIDADE, entendendo-o como um direito inalienável da mulher, o de decidir quantos filhos quer ter. Para isto é necessário

- Direito a um desenvolvimento sadio, físico e mental, desde a infância, que garanta à mulher uma vida fértil o mais livre possível de riscos.
- Assistência médico-hospitalar durante a gravidez, o parto e após o parto.
- Orientação, acesso aos métodos contraceptivos e assistência médica gratuita à mulher em idade fértil. Contra a política de controle da natalidade pelo governo.

• Direito ao aborto e a sua legalização, tendo claro que este não deve ser um método contraceptivo.

49 - DIREITO À PLENA PARTICIPAÇÃO DA MULHER NO TRABALHO PRODUTIVO, NA VIDA SOCIAL, POLÍTICA E CULTURAL DO PAÍS e expressão ' dentro do lar e fora dele através de:

- Eleições livre e diretas em todos os níveis sem quaisquer casuísmos;

- Conquista de uma NOVA CONSTITUIÇÃO que ga^{ra}nta a liberdade política as mais amplas ' possíveis e ponha fim as leis que discriminam a mulher. Para isto é necessário o fim do regime militar e uma Assembléia Nacional Constituinte Livre e Soberana com ampla participação feminina, convocada por um governo democrático e de unidade popular;

- Uma política econômica independente do imperialismo;

- Uma Reforma Agrária Radical que garanta terra aos que nela trabalham ou desejam trabalhar, evitando, dessa forma, a miséria e o êxodo rural.

59 - CONTRA A VIOLÊNCIA QUE SOFRE O POVO EM GERAL,
CONTRA LEIS E ATOS AUTORITÁRIOS DO REGIME MI
LITAR E CONTRA AMEAÇAS DE GUERRA FEITAS PELOS
DIVERSOS PAÍSES IMPERIALISTAS.

- Pela paz, pela auto-determinação dos povos, con
tra a corrida armamentista, em especial das duas
super-potências imperialistas.

69 - Em particular, CONTRA A VIOLÊNCIA QUE SOFRE
A MULHER: NO LAR, NA RUA, NO TRABALHO, NA IM
PRENSA.